

ISSN 1678-7730

Coordenação:

Dr. Héctor Ricardo Leis

Vice-Coordenação:

Dr. Selvino J. Assmann

Secretaria:

Liana Bergmann

Editores Assistentes:

Doutoranda Sandra Makowiecky

Doutoranda Cristina Tavares da Costa Rocha

Doutorando Adilson Francelino Alves

Área de Concentração

A CONDIÇÃO HUMANA NA MODERNIDADE

Linha de Pesquisa

Representações da Modernidade

RAFAEL RAFFAELLI

ASPECTOS COGNITIVOS DO INCONSCIENTE

Nº 51 – Dezembro de 2003

Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas

A coleção destina-se à divulgação de textos em discussão no PPGICH. A circulação é limitada, sendo proibida a reprodução da íntegra ou parte do texto sem o prévio consentimento do autor e do Programa

ASPECTOS COGNITIVOS DO INCONSCIENTE

COGNITIVE ASPECTS OF THE UNCONSCIOUS

RAFAEL RAFFAELLI*

RESUMO

A Psicanálise pode ser considerada uma teoria cognitiva, como expressa em *A Interpretação dos Sonhos*, e nos trabalhos de alguns colaboradores próximos a Freud, como Ferenczi. A análise experimental do papel dos resíduos diurnos na elaboração dos sonhos, conduzida inicialmente por Pötzl em 1917, abriu um novo campo de pesquisa. Na década de 50 muitos pesquisadores começaram a trabalhar com a percepção subliminar (subcepção) em bases psicanalíticas. Atualmente há um crescente interesse nos estudos cognitivos sobre o inconsciente, que pode ser considerado um conceito integrador. Os estudos experimentais em percepção inconsciente possuem uma conexão com os estudos cognitivos em cegueira inatencional. Analisa-se brevemente a metodologia e algumas implicações práticas desses estudos.

PALAVRAS-CHAVE

Psicanálise; Cognição; Atenção; Inconsciente.

ABSTRACT

Psychoanalysis should be considered a cognitive theory, as expressed in *The Interpretations of Dreams*, and in the works of close collaborators to Freud, as Ferenczi. The experimental analysis of the role of the day residues in the elaboration of dreams, conducted initially by Pötzl in 1917, opened a new field of research. In the 50's many researchers began to work with subliminal perception (subception) in psychoanalytic bases. Nowadays, there is a crescent interest in the cognitive study of the unconscious, which may be considered an integrating concept. The experimental studies on preconscious perception have a link with the cognitive studies on inattentional blindness. The methodology and some of the practical implications of those studies are analyzed in brief.

KEYWORDS

Psychoanalysis; Cognition; Attention; Unconscious.

*Doutor em Psicologia Clínica PUC/SP
 Professor Titular da Universidade Federal de Santa Catarina
 Membro Efetivo do DICH/UFSC

1. A NOÇÃO DE INCONSCIENTE COGNITIVO

A idéia central do pensamento freudiano é a noção de inconsciente. Mas esse inconsciente não se reduz a um lugar onde os processos anímicos acontecem fora do domínio da consciência. Para Freud o inconsciente é dinâmico e não um conceito meramente descritivo.

Todavia, esse conceito nunca foi uma unanimidade entre os psicólogos. William James (1890), por exemplo, afirmou que a noção de inconsciente "is the sovereign means for believing what one likes in psychology, and of turning what might be a science into a tumbling-ground for whimsies". (JAMES,1890/1981:163-164)

Outros psicólogos da mesma época, a despeito dessas referências desabonadoras, começaram o estudo dessas "sensations so faint that we are not fairly aware of having them(...)" . (PIERCE & JASTROW,1884), ligando-as à intuição feminina e mesmo à telepatia.

Mas a corrente principal da Psicologia continuou a menosprezar esses fenômenos de difícil análise experimental, considerando que a consciência vigíl era o único parâmetro válido para a análise científica. Esse primado da consciência, notável em James, foi por sua vez abandonado posteriormente devido ao predomínio do comportamentalismo. Só mais tarde, com o advento do assim denominado "*New Look*" em cognição - a partir de 1950 - retomou-se o interesse pelo estudo da consciência e mesmo pelos aspectos cognitivos inconscientes. Esses estudos visavam separar os efeitos de memória, motivação e personalidade sobre a percepção subliminar.

Na atualidade distingue-se o 'inconsciente psicanalítico' do 'inconsciente cognitivo', o primeiro como o resultado da repressão de uma pulsão de origem sexual e o segundo referente aos processos cognitivos situados abaixo do limiar de consciência. Os estudos clínicos teorizam sobre afetos e motivações inconscientes e os estudos experimentais sobre percepção e memória subliminares.

A idéia de um inconsciente cognitivo teve ampla repercussão com o artigo de KIHLSTROM (1987) publicado na revista *Science* e reafirmado por RODIGER (1990) na *American Psychologist*, mas os pesquisadores experimentais continuam distantes da noção freudiana, tida como não-demonstrável, como se a cognição fosse um processo exclusivamente racional dentro do domínio da consciência.

Por outro lado, a Psicanálise sempre foi reconhecida como uma teoria geral do desenvolvimento infantil e da personalidade humana, eminentemente voltada para a prática clínica, e não como uma teoria cognitiva.

A despeito dessa visão corrente, o *Projeto para uma Psicologia Científica* (1895) e os conceitos elaborados no *Capítulo 7* de *A Interpretação dos Sonhos* (1900) formam uma teoria cognitiva. Nessa obra, preocupado com a natureza da representação mental, Freud faz a distinção entre pensamento consciente e inconsciente, entre processo primário e secundário, teorizando sobre os mecanismos da atenção e os aspectos cognitivos dos estados alterados de consciência. (*vide* RAFFAELLI, 1997)

Os conceitos de pensamento primário e secundário são relacionados com o desejo alucinatório, os mecanismos de condensação, deslocamento e simbolização são explicitados e realiza-se a distinção entre representações objetais e representações de palavra.

Obras subseqüentes de Freud demonstram seu interesse pelos aspectos cognitivos da mente humana, como *Uma nota sobre o Bloco Mágico* (1925), entre outras, na qual admite

a existência de sensores inconscientes que, através do sistema Pcpt.-Cs., classificariam as excitações provindas do mundo exterior. (FREUD,1925/1987:290)

Nesse entender, a sede metapsicológica desse processo estaria localizada nas parcelas inconscientes das instâncias narcisistas (ego, ego ideal, superego, ideal do ego), como seu conteúdo representacional. As imagens que formam o inconsciente são originadas pela experiência corporal do ego primitivo. A busca de perceptos adequados - de prazer - só se realiza a contento quando as sensações são incorporadas ao ego, associando-se às imagens vinculadas a uma situação relacional específica. É em torno da relação de nutrição (mãe-nenê) que os perceptos originalmente se estruturam, tendo como matriz o contato corporal, transformando o corpo em imagem, dando-lhe o caráter de objeto imaginário.

A idéia de juízo ou pensamento judicativo, assimilada da filosofia iluminista e de Kant em particular, se traduz nessa parada do processo primário na encruzilhada da satisfação, sem saber em que direção investir, dependente de sua imagem-guia. A análise da função do julgamento nos permite compreender a gênese do intelectual a partir do conflito pulsional, pois sem a denegação (*Verneinung*), representante da pulsão de morte, não teria sido possível a suspensão temporária do recalque que liberta o aparelho psíquico da compulsividade do princípio do prazer; além disso, talvez possamos aproximar o conceito de denegação da idéia do '*proton pseudos*' (mentira original), tal como apresentada no *Projeto* - como o momento inicial do descolamento entre necessidade e desejo.

O ego está vinculado com a realidade e com a consciência, envolvendo nessa relação todas suas 'faculdades intelectuais', o que acarreta um superinvestimento (*Überbesetzung*) e erotização do pensamento. Essa ligação do ego com a realidade se manifesta pela função de julgar, que é gerada pela angústia (*Angst*) frente a uma ameaça interna ou externa. Dessa forma, o ego é onde se localiza a angústia, que funcionaria como

uma espécie de 'gatilho' do pensamento. Essa é a segunda teoria da angústia em Freud, exposta em sua obra *Inibições, Sintomas e Ansiedade* (1926), que se contrapõe à noção anterior de angústia enquanto um processo automático de sinalização para a descarga de quantidades excessivas de excitação, semelhante a um 'termostato'.
(FREUD,1926/1987:113)

A base dessa argumentação é que a angústia é um estado afetivo e, sendo assim, só pode ser sentido pelo ego. O id, por não se constituir em uma organização, não pode avaliar situações de ameaça e, assim, não sente angústia.

Freud admite uma inequívoca relação da angústia com a expectativa, atribuindo-lhe as qualidades de indefinição e falta de objeto. Devido a isso existe a necessidade da internalização da sensação ameaçadora, para que ela possa tornar-se um objeto de percepção para o ego, isto é, uma representação associada a um traço mnêmico permanente, já que "criancinhas estão constantemente fazendo coisas que põem em risco suas vidas".

(FREUD,1926/1987:196)

Entretanto, se determinados parâmetros advindos da estruturação do ego provocam angústia, por outro lado é uma classificação de sensações que permite identificar esses parâmetros. Se a classificação de sensações pode ser entendida como fundamento de uma atividade seletiva inconsciente, em que o julgar (pensamento judicativo) está presente, e sendo a angústia a base dos pensamentos, podemos supor, então, que foi a necessidade de encontrar uma resposta aos sinais de angústia que motivou essa atividade seletiva. Assim, da angústia primitivamente descarregada pela atividade motora, parte foi conservada como investimento vinculado a uma rede associativa, tendo como sustentação as imagens inconscientes, e essa estrutura desenvolveu um mecanismo de filtragem de sensações segundo critérios de evitação da angústia. Isso significa que sem angústia não há

pensamento e sem pensamento não há como classificar e selecionar sensações, isto é, sem a vinculação do investimento móvel da angústia inexiste base econômica para a sustentação do processo seletivo. E como a sede da angústia é o ego, e como esse processo seletivo tem nele sua gênese e seu motor, poderíamos denominá-lo narcisista.

A origem da angústia primitiva é a superestimulação, contra o que o organismo se defende levantando um escudo protetor, no qual estão empenhadas três barreiras: 1. na direção real-inconsciente (sensação ou registro inconsciente) constituindo-se no animismo ontológico perceptivo; 2. na direção inconsciente - pré-consciente (percepção ou registro pré-consciente), constituindo-se na seleção narcisista primária; 3. na direção pré-consciente - consciente (percepção consciente), constituindo-se na censura narcisista secundária dos conteúdos pré-conscientes antes dos mesmos penetrarem no âmbito da consciência.

Freud, em *Moisés e o Monoteísmo* (1939), refere-se a essa relação entre percepção e consciência:

Do fenômeno da consciência, podemos, pelo menos, dizer que esteve originalmente ligado à percepção. Todas as sensações que se originaram da percepção de estímulos penosos, táticos, auditivos ou visuais, são as mais prontamente conscientes. Os processos de pensamento, e tudo o que possa ser análogo a eles no id, são, em si próprios, inconscientes, e obtém acesso à consciência vinculando-se aos resíduos mnêmicos de percepções visuais e auditivas ao longo do caminho da função da fala. Nos animais, aos quais esta falta, as condições devem ser de tipo mais simples".
(FREUD, 1939/1987:118)

O advento da fala tornou exequível as percepções conscientes de eventos internos, tais como idéias e processos de pensamento, exigindo-se, porém, a intermediação de um julgamento que as separe das percepções do mundo externo: a prova de realidade. Tal julgamento é realizado pelo ego que contém em si os processos de pensamento conscientes. Como o ego também se utiliza das sensações de angústia para despertar esses processos,

através da vinculação com traços mnêmicos, é possível uma confusão entre as percepções que se originam de dentro das que se originam de fora. Contudo, não se pode supor que essa prova de realidade conduziria à percepção real ou última das coisas, pois como já afirma o próprio agnosticismo freudiano, o real não é passível de cognição.

Esse pensamento observador pode se sobrepor ao próprio processo primário e sua função é estabelecer um discernimento básico das vias de realização do desejo, sempre parciais. Desse modo, representa a maneira mais acabada de incorporação das pulsões de vida pela estrutura psíquica, a verdadeira fonte da vontade de viver e que zela pela integridade do corpo.

A esse núcleo primitivo do ego compete, então, o estabelecimento de perceptos adequados a partir de sensações corporais, através da integração das imagens captadas dentro de quadros mnêmicos comparativos, utilizando como instrumentos de verificação a similaridade, a proximidade e o seqüenciamento, e tendo como critério de seleção o prazer/desprazer.

Tais quadros mnêmicos vão se complexificando, pelo acúmulo de experiências, no interior do ego primitivo, e sua solidificação acontece com o advento do ego ideal no estádio do espelho. O processo se completa com a cristalização do superego ao final do Édipo e sua separação do ideal do ego.

Assim, o núcleo representacional primitivo responsável pela percepção inconsciente passa a ter uma atividade orientada pela prevalência de uma das instâncias narcisistas num determinado momento, de acordo com as associações de imagens provocadas por uma sensação específica.

Ferenczi foi quem, dentre o círculo freudiano, mais teorizou sobre a função cognitiva inconsciente. No seu texto *Matemática* afirma que toda a percepção é baseada

num cálculo, que está inconscientemente calculada de antemão, servindo como uma orientação básica para os seres vivos. Para ele a Matemática seria a "*autopercepção de sua própria função consciente*". (FERENCZI,1992,IV:182)

Antecipando algumas idéias da Psicologia Cognitiva, Ferenczi afirmava que:

Os órgãos dos sentido são dispositivos de filtragem para selecionar todo tipo de impressões a partir do mundo externo caótico. A primeira triagem faz-se segundo certas diferenças particularmente grosseiras entre os órgãos dos sentidos que, com a ajuda de seu dispositivo especial de proteção contra as excitações, eliminam todas as excitações com exceção de algumas a que são sensíveis (visão, olfato audição). Uma segunda filtragem parece produzir-se no quadro dos diferentes domínios sensoriais, de acordo com certas relações quantitativas. (...) A condensação é o processo correspondente à associação no inconsciente. A condensação é uma unidade algébrica (...). O trabalho do homem que age é uma formidável performance de condensação; o resultado da condensação de uma quantidade enorme de cálculos separados e de considerações - que em si mesmos podem permanecer despercebidos, inconscientes. (FERENCZI,1992,IV:184-185)

O processo de percepção inconsciente e pré-consciente pode ser rastreado através da interpretação dos sonhos e dos atos falhos, como ficou experimentalmente comprovado por Pötzl e outros. Aquilo que foi descrito por Freud como o processo de elaboração onírica - condensação, deslocamento, simbolização, elaboração secundária -, e a relação do pensamento com os desejos e seus afetos, pode bem ser entendido como a descrição do processo perceptivo inconsciente.

O trabalho pioneiro de OTTO PÖTZL - *A relação entre imagens oníricas experimentalmente induzidas e a visão indireta* (1917), investigando os mecanismos pré-conscientes através do emprego do taquistoscópio - foi uma vertente metodológica que surgiu das primeiras formulações psicanalíticas. Ele idealizou seus experimentos a partir de observações de pacientes com distúrbios visuais ocasionados por danos cerebrais, sendo que seu interesse principal era estabelecer uma relação entre campo visual e consciência, dado que hipotetizava a exclusão das percepções provindas da visão periférica do domínio da consciência. Nesse sentido, procurou demonstrar experimentalmente a existência da

percepção pré-consciente e a sua expressão na atividade onírica, em consonância com a teoria psicanalítica dos sonhos.

Pötzl estabeleceu a denominada "lei de exclusão", afirmando que a elaboração onírica utiliza as imagens oriundas da percepção pré-consciente em detrimento daquelas obtidas pela via consciente, o que está em conformidade com a hipótese psicanalítica sobre os resíduos diurnos, aspecto evidenciado por Freud em *A Interpretação dos Sonhos*.

Na esteira dessa pesquisa original, outros pesquisadores buscaram combinar a teoria psicanalítica com o método experimental, como ALLERS & TELER (1924) e MALAMUD & LINDER (1931).

Essa temática foi retomada na década de 50, com estudos de base analítica focalizando o "fenômeno de Pötzl", percepção pré-consciente, percepção subliminar (*subception*) ou mesmo hipermnésia. Entre eles pode-se mencionar as pesquisas de LUBORSKY & SHEVRIN(1956,1958), ERIKSEN(1951), ERIKSEN & JOHNSON(1961), KLEIN(1959), FISHER(1954, 1957, 1959, 1960). Outras pesquisas foram realizadas, no decorrer desse período, analisando os mesmos fenômenos segundo a abordagem psicofísica. (GOLDIAMOND,1958; BEVAN,1964).

Para esses autores a percepção pode ser entendida como um processo que se desenvolve em quatro fases: 1. registro sensorial inconsciente (*subliminal registration*); 2. elaboração cognitiva inconsciente, na qual o registro sensorial é comparado com os esquemas mnemônicos preexistentes; 3. emergência do percepto como imagem; 4. reprodução da imagem através da palavra. A lei de exclusão de Pötzl é então definida como uma atividade pré-consciente conectada ao sentido das imagens percebidas, em detrimento de uma forma específica de apreensão.

Estudos posteriores confirmam a ocorrência controlada da percepção pré-consciente (ERDELYI,1970,1972; KEPECS & WOLMAN,1972; MASLING,1983), sendo ressaltada também a necessidade de aprimoramento da metodologia para sua verificação experimental (BECKER & ERDELYI,1974; ERDELYI & STEIN,1981; WHITEHOUSE *et alii*,1988). BRAKEL(1989) retoma essa temática, propondo uma revisão do sistema Percepção-Consciência (Pcpt.-Cs.), tal como aventado por Freud, à luz dos estudos sobre apreensão e registro pré-consciente.

Na última década, essa linha de trabalho ganhou renovado impulso com a publicação de diversos estudos que buscam unir o método experimental às concepções psicanalíticas. Dentre eles, pode-se citar os de BOOTZIN, KIHLTROM & SCHACTER,1990, BARRON, EAGLE & WOLITZKY,1992 e BORNSTEIN & MASLING,1998, que demonstram a convergência crescente entre a Psicologia Cognitiva e a Psicanálise, principalmente no que diz respeito à importância dos aspectos inconscientes na percepção e na atenção.

Do ponto de vista psicanalítico, isso significa que a informação processada perceptualmente é tornada consciente sempre de modo parcial, sendo submetida, ainda, a alterações segundo a atividade do processo primário. O processamento dessas informações, enquanto significantes, é realizado pelas instâncias narcisistas, que 'filtram' a captação dos órgãos dos sentidos através da comparação com imagens acumuladas na memória, e atribuindo-lhes um significado. A filtragem de informações é dirigida de acordo com as idiossincrasias de cada sujeito, tendo relação com suas representações ideativas, que incidem no intervalo entre percepção e consciência ou entre *cuir et chair* (couro e carne) na metáfora lacaniana (*cf.* LACAN,1985:48).

O conceito de Eu-pele, desenvolvido por ANZIEU (1989), como uma realidade fantasmática e base do imaginário, procura dar conta justamente desse papel mediador da cognição humana, que está ancorada no desenvolvimento do *soma*.

A perspectiva psicanalítica se distingue fundamentalmente das perspectivas psicofisiológica e psicosociológica por considerar a existência e a importância permanentes da fantasia individual consciente, pré-consciente e inconsciente e seu papel de ligação e de tela intermediária entre a psique e o corpo, o mundo, as outras psiques. (...) O Eu-pele é uma estrutura intermediária do aparelho psíquico: intermediária cronologicamente entre a mãe e o bebê, intermediária estruturalmente entre a inclusão mútua dos psiquismos na organização fusional primitiva e a diferenciação das instâncias psíquicas que corresponde à segunda tópica freudiana. (ANZIEU, 1989:4-5)

Desse modo, a noção de inconsciente não se reduziria ao *locus* das pulsões e ao reservatório da energia psíquica ou, por outro lado, a um mero conceito descritivo em oposição à consciência, sendo um conceito-chave para a análise da cognição humana.

2. INCONSCIENTE COGNITIVO E ATENÇÃO

O estudo da atenção já está presente desde os primórdios da Psicologia e no seu sentido mais amplo foi assim definida por William James: "*It is the taking possession of the mind, in clear and vivid form, of one out of what seem several simultaneously possible objects or trains of thought. Focalization, concentration of consciousness are of its essence*". (JAMES, 1890/1981:381)

Freud interessou-se também pelos mecanismos da atenção, além de teorizar sobre a natureza da representação mental - distinguindo pensamento consciente e inconsciente e postulando diferenças entre processos primário e secundário - e os aspectos cognitivos dos estados alterados de consciência.

Como já colocado na primeira parte, muitos desses aspectos foram contemplados nas páginas do *Projeto* e desenvolvidos posteriormente no *Capítulo 7 de A Interpretação dos Sonhos*. Os conceitos de pensamento primário e secundário são relacionados com o desejo alucinatório, os mecanismos de condensação, deslocamento e simbolização são explicitados e realiza-se a distinção entre representações objetais e representações de palavra. Textos posteriores de Freud teorizam sobre as capacidades cognitivas humanas, postulando a existência de sensores inconscientes que ordenariam os estímulos percebidos. Em termos metapsicológicos, esse processo se localizaria nas instâncias narcisistas (ego, ego ideal, superego, ideal do ego), constituindo-se no seu conteúdo representacional. As representações inconscientes são advindas das experiências somáticas do ego primitivo, formando o Eu-pele. A assimilação dos padrões de percepção pelo ego ocorre devido à associação com as imagens vinculadas a uma relação objetal específica. A relação entre nutriz e infante é a gênese do padrão pelo qual os perceptos se estruturam, transformando o contato corporal em representação, como objeto imaginário.

Freud supõe que a origem da consciência está vinculada à percepção, especialmente em relação aos estímulos desprazerosos. O organismo se defende da angústia primitiva derivada do excesso de estimulação criando um escudo protetor constituído de três barreiras. A primeira dessa barreiras atua na direção real-inconsciente (sensação ou registro inconsciente), a segunda na direção inconsciente - pré-consciente (percepção ou registro pré-consciente) e a terceira na direção pré-consciente - consciente (percepção consciente).

Com relação aos distúrbios da atenção, Freud coloca que "os exemplos que submetemos à análise realmente não nos autorizam a supor que tenha havido uma redução quantitativa da atenção; encontramos algo que talvez não seja exatamente a mesma coisa:

uma *perturbação* da atenção por um pensamento que se impõe e demanda consideração".
 (FREUD,1926/1987:124)

Um desses exemplos citados por Freud - retirado de um relato de Otto Rank - demonstra a importância do processo de atenção seletiva inconsciente:

Uma jovem que dependia materialmente de seus pais queria comprar uma jóia barata. Na loja, perguntou o preço do objeto de seu agrado, mas ficou desapontada ao descobrir que custava mais do que a soma de suas economias. E no entanto apenas a falta de duas coroas a separava desse pequeno prazer. Com o ânimo abatido, começou a perambular em direção a casa pelas ruas da cidade, repletas das multidões ao entardecer. Num dos lugares mais movimentados, chamou-lhe de repente a atenção - muito embora, por seu depoimento, ela estivesse profundamente imersa em pensamentos - um pedacinho de papel caído no chão, pelo qual ela acabara de passar sem reparar nele. Ela se voltou, apanhou-o e ficou atônita ao constatar que era uma nota de duas coroas, dobrada. Pensou consigo mesma: 'Isto me foi enviado pelo destino para que eu possa comprar a jóia', e retomou alegremente o caminho de volta, pensando em aproveitar esse sinal. No mesmo instante, porém, disse a si mesma que não deveria fazê-lo, pois dinheiro achado é dinheiro da sorte e não deve ser gasto. (...) Seu inconsciente (ou seu pré-consciente), portanto, estava predisposto a 'achar', muito embora, por causa de outras demandas feitas a sua atenção ('imersa em pensamentos'), essa idéia não se tornasse inteiramente consciente. Podemos ir mais além e, com base em casos semelhantes já analisados, afirmar inclusive que a 'disposição de busca' inconsciente tem muito mais probabilidade de êxito do que a atenção conscientemente dirigida. De outro modo, seria quase impossível explicar como foi que justamente essa pessoa, dentre as muitas centenas de transeuntes, e ainda sob as condições agravantes da iluminação crepuscular deficiente e da densa multidão, pôde fazer o achado surpreendente para ela mesma. A grande amplitude dessa disposição inconsciente ou pré-consciente é realmente indicada pelo fato notável de que, depois desse achado - isto é, num momento em que essa atitude já se tornara supérflua e certamente já escapara da atenção consciente -, a moça encontrou um lenço mais adiante a caminho de casa, num trecho escuro e solitário de uma rua de subúrbio. (RANK,1915 *apud* FREUD,1926/1987:185)

Como vimos, o processo de percepção inconsciente e pré-consciente pode ser rastreado através da interpretação dos sonhos e dos atos falhos, como ficou experimentalmente comprovado por Pötzl e outros. Aquilo que foi descrito por Freud como o processo de elaboração onírica - condensação, deslocamento, simbolização, elaboração

secundária -, e a relação do pensamento com os desejos e seus afetos, pode bem ser entendido como a descrição do processo perceptivo inconsciente.

A percepção é então teorizada como um processo que parte do registro sensorial inconsciente (*subliminal registration*) e sofre uma elaboração inconsciente, na qual o registro sensorial é pareado com traços de memória semelhantes. Só depois de cumprida essa etapa é que o percepto surge como imagem, podendo ser reproduzida verbalmente. A *lei de exclusão* de Pötzl é entendida como uma função pré-consciente vinculada ao *sentido* das imagens percebidas, relacionando-se com a atenção.

Essa conexão entre percepção e atenção aparece no conceito de alucinação negativa (*vide BRAKEL,1989*) e no de cegueira inatencional (*vide MACK & ROCK,1998*), que dizem respeito ao fenômeno de anulação temporária da percepção de determinados objetos por falta de atenção, mesmo quando claramente observáveis e estando no foco central da visão ocular. Esse fenômeno, facilmente notado no dia a dia, como já postulava Freud no seu *Sobre a Psicopatologia da Vida Cotidiana* (1901), decorre de uma insuficiência atencional motivada por processos inconscientes, conduzindo a ações equivocadas (*Vergreifen*). Essas deficiências do funcionamento psíquico "e certos desempenhos aparentemente inintencionais revelam, quando a eles se aplicam os métodos da investigação psicanalítica, terem motivos válidos e serem determinados por motivos desconhecidos pela consciência". (FREUD,1901/1987:208)

Um exemplo claro desse fato é a atitude paranóica, na qual os detalhes do comportamento alheio são observados em minúcia, para daí se retirar conclusões plenas de significado. Embora a ideação subsequente leve o paranóico para longe do real conhecimento do outro, há "algo de verdadeiro" nessa observação: é o fundo de verdade da

paranóia, a atenção às sutilezas não-verbais do comportamento que denotam agressividade.
(cf. FREUD, 1901/1987:221)

Nesse sentido, o direcionamento da atenção distingue a percepção pré-consciente ou inconsciente da percepção consciente. O estímulo fora do foco da atenção é percebido de forma pré-consciente e submetido a um processamento complexo, só sendo conscientizado pelo deslocamento voluntário (*atenção voluntária*) ou forçado da atenção (*atenção capturada*). Como não ocorre percepção consciente sem o concurso da atenção, qualquer desvio na atenção ocasiona um déficit na percepção consciente, gerando escotomas atencionais ou 'brancos' (falhas) perceptivos, isto é, regiões do campo visual não percebidas.

Estudos das décadas de 70 e 80 (BECKER & ERDELYI, 1974; ERDELYI, 1970, 1972; ERDELYI & STEIN, 1981; KEPECS & WOLMAN, 1972; MASLING, 1983; WHITEHOUSE et alii, 1988) enfatizam o vínculo entre percepção pré-consciente e atenção, enquanto outros autores propõem uma revisão da teoria psicanalítica tendo em conta seus aspectos cognitivos.

Na década de 90, vários pesquisadores (BOOTZIN, KIHLSTROM & SCHACTER, 1990, BARRON, EAGLE & WOLITZKY, 1992 e BORNSTEIN & MASLING, 1998, entre outros) desenvolveram métodos experimentais para testar alguns conceitos psicanalíticos, revelando a identidade de interesses entre a Psicologia Cognitiva e a Psicanálise, em especial quanto à análise da vinculação entre percepção pré-consciente e atenção.

Outra linha de pesquisa, originada na Psicologia Cognitiva, que também caminha na mesma direção é aquela associada aos já mencionados estudos sobre cegueira inatencional

(*inattentional blindness*), que trabalham o mesmo grupo de fenômenos descritos pelo conceito de alucinação negativa.

O conceito de cegueira inatencional diz respeito ao fenômeno de anulação temporária da percepção de determinados objetos por falta de atenção, mesmo quando claramente observáveis e estando no foco central da visão ocular. Esse mal-funcionamento do sistema perceptivo é determinado por razões alheias à volição do sujeito.

A partir de 1970 os pesquisadores em Psicologia Cognitiva começaram a reconhecer o fenômeno denominado *cegueira de mudança* (*change blindness*), no qual os sujeitos experimentais mostravam-se incapazes de observar alterações no seu campo visual enquanto movimentavam os olhos (POSNER,1978; TREISMAN,1985,1986,1988; THEEUWES,1991). Paulatinamente, o interesse dos pesquisadores dirigiu-se para o estudo da atenção, gerando o conceito de cegueira inatencional.

Essa terminologia torna-se reconhecida quando da publicação do trabalho de Mack & Rock já citado, mas remete-se às idéias e metodologia de olhar seletivo (*selective looking*) desenvolvidos por Ulric Neisser- autor da denominação Psicologia Cognitiva - na década de 70, na Universidade de Cornell, Estados Unidos.

O trabalho de Mack & Rock buscou estabelecer a relação entre atenção e percepção através de um procedimento padrão, no qual o estímulo se constituía numa cruz na tela de um monitor de vídeo localizado a 76 cm do rosto do observador. Os sujeitos eram apresentados ao estímulo em exposições breves e solicitados a observar qual dos braços da cruz era maior. Enquanto os sujeitos estavam com sua atenção voltada para a execução da tarefa proposta era apresentado um objeto inesperado, na forma de um pequeno retângulo colorido definido como estímulo crítico (*critical stimulus*), que invadia um dos quadrantes da cruz. Imediatamente após a apresentação do estímulo crítico os sujeitos eram inquiridos

sobre se haviam observado algo na tela além da cruz. Se os sujeitos reportassem ter visto algo, era-lhes solicitado a identificação da imagem, descrevendo-a ou selecionando-a de um conjunto de imagens previamente preparadas. Cerca de cinco mil sujeitos foram testados dessa maneira, com visão normal e idade oscilando entre 17 e 35 anos, mantendo-se a equivalência entre os sexos. Os resultados apontaram que aproximadamente 25% dos sujeitos da amostra não perceberam conscientemente o estímulo crítico, confirmado a ocorrência do fenômeno da cegueira inatencional em tarefas que exigem atenção concentrada.

Esses resultados contradizem a crença do senso comum de que percebemos tudo o que se apresenta no campo visual e que a atenção somente age na busca dos detalhes que diferenciam os objetos. Entretanto, é absolutamente normal a experiência de não vermos certos objetos que estão bem na nossa frente, experiência essa facilitada pela concentração da atenção em alguma tarefa ou pelo afloramento de emoções. Mesmo com os olhos abertos e o objeto claramente refletido na retina, nesses casos nada parece ser integrado à consciência.

Por outro lado, se a atenção está consciente ou inconscientemente focalizada na busca de certos sinais carregados de ansiedade - como um telefonema, uma pessoa que chega, o ruído do motor de um carro, uma sombra que pode ocultar um ladrão - certos perceptos são mal-interpretados ou distorcidos de forma a atender esses anseios. A expectativa distorce a percepção pela focalização da atenção em determinados padrões e esse processo transcorre na sua maior parte de forma inconsciente.

Na atualidade, a extensa literatura sobre atenção demonstra a variedade de interpretações desse conceito básico (JONIDES & YANTIS,1988; LABERGE & BROWN,1989; SEARLE,1992;FOLK, REMINGTON & WRIGHT,1994; RENSIK,

O'REGAN & CLARK,1997). Nessas pesquisas o termo atenção foi empregado para se referir ao processo que permite a conscientização do estímulo, pressupondo que a focalização da atenção é a condição *sine qua non* para se perceber algo de modo consciente.

Aquilo que distingue a percepção pré-consciente ou inconsciente da percepção consciente é a focalização da atenção. O estímulo é inicialmente percebido de forma pré-consciente e só será conscientizado pela cooptação da atenção, de forma voluntária ou involuntária, como no caso do arco-reflexo e da dor. Dado a percepção consciente depender da atenção, o seu desvio gera um campo perceptivo deficiente, com imagens visuais não conscientizadas. Em termos psicanalíticos, a estimulação captada no processo perceptivo é só parcialmente conscientizável, dentro da dinâmica do processo primário. O processo secundário perceptivo é conduzido pelas instâncias narcisistas, que estabelecem o vínculo dessas imagens com as estruturas mnêmicas pré-existentes.

Os objetivos gerais desse campo de pesquisa seriam estabelecer quanta informação visual pode ser decodificada pela mente humana, de forma consciente ou inconsciente, e quais as razões para que certos objetos sejam imediatamente conscientizáveis, enquanto outros não. Isso envolve elucidar as estruturas e dinâmicas envolvidas na percepção pré-consciente e inconsciente e determinar seus efeitos sobre o desempenho de atividades profissionais dependentes da acuidade visual. Possuem, assim, relevância teórica para a compreensão do processo perceptivo e implicações práticas no que se refere à performance humana em atividades como a aviação e a direção de veículos de tração mecânica (automobilismo).

Atualmente vários pesquisadores dedicam-se a essa temática, buscando metodologias mais sofisticadas para análise desse fenômeno, utilizando animações em vídeo com o emprego de atores. Em um desses experimentos o estímulo usado se constituiu

em um vídeo apresentando um jogo entre dois times de basquete - um trajando branco e o outro trajando preto - que faziam passes de bola aos quais o sujeito devia atentar. Durante essa tarefa era apresentado o estímulo crítico: uma mulher com um guarda-chuva cruzava a imagem por alguns segundos. Também nesse caso foram obtidos resultados próximos aos de Mack & Rock, com mais de um quarto da amostra relatando não haver observado o estímulo crítico.(CHABRIS & SCHOLL *apud* CARPENTER, 2001)

Os estudos nessa linha de pesquisa têm se atido aos aspectos básicos do fenômeno, buscando demonstrar sua ocorrência de modo inequívoco e postular teorias explicativas para o mesmo. Mas existe consenso quanto ao fato da importância prática desses estudos, para avaliar esse fenômeno do ponto de vista da ciência aplicada, analisando suas implicações nessas atividades humanas corriqueiras.

Desse modo, a pesquisa em cegueira inatencional possui diversas implicações sérias para a direção de automóveis. Muitos acidentes automobilísticos podem ser imputados a essa falha atencional, motivada pelo desvio da atenção para outra atividade ao dirigir. Ao se estabelecer o automatismo inerente à ação de conduzir um veículo, cria-se também a possibilidade de dispersar a atenção em atividades paralelas, tais como, ouvir música, falar ao telefone celular, ou mesmo fumar ou conversar. Dada a velocidade que podem atingir os veículos atuais, especialmente em pistas expressas, essas distrações momentâneas podem se constituir num sério risco para a segurança do trânsito. Mesmo pequenos desvios da atenção, como olhar as placas indicativas, podem causar acidentes graves. O índice brasileiro de acidentes de trânsito, incluindo os atropelamentos, é terrificante. Milhares de pessoas anualmente perdem a vida ou sofrem algum tipo de seqüela devido a acidentes de trânsito. E a falta de atenção, junto com o álcool e o excesso de velocidade, é uma das causas mais freqüentes de acidentes.

CONCLUSÃO

Na visão tradicional, a psicologia e a neurofisiologia encaram o fenômeno perceptivo como mera captação do ambiente através das informações veiculadas pelos órgãos sensoriais, ou seja, a percepção é tomada como um ‘ dado’ e não como uma construção.

No entanto, partindo das considerações psicanalíticas e tendo em conta algumas das pesquisas experimentais cognitivistas, pode-se afirmar que a noção de inconsciente cognitivo é central para o entendimento da cognição humana. A perspectiva que trata a percepção como um processo exclusivamente consciente e que a toma como representação imediata do real não se sustenta frente aos resultados desses estudos, nos quais se evidencia a mediação de estruturas pré-conscientes na elaboração dos perceptos.

O interesse dessa linha de pesquisa que cruza cognitivismo e psicanálise é responder algumas questões básicas: Como a percepção é construída pela mente humana, consciente e inconscientemente? Por que certos objetos são facilmente conscientizáveis, enquanto outros permanecem inconscientes? Qual a função das estruturas inconscientes na construção dos perceptos? Como isso afeta as atividades humanas que dependem da acuidade visual para o seu desempenho seguro?

Finalizando, o conhecimento sobre a cognição humana é palco de um embate entre uma abordagem empirista e uma visão estruturalista, entre o comportamento quantificável e o sentido qualitativo, contrapondo a análise neurofisiológica e comportamental à psicanálise. Talvez, pela via de uma abordagem interdisciplinar, cheguemos finalmente a uma aproximação entre essas correntes, integrando a investigação experimental e o conceito psicanalítico de inconsciente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALLERS,R./TELER,J. (1924). Über die Verwertung unbemerkter Eindrücke bei Associationen. *Ztschr.Neurol & Psychiat.*, 89:492-513.
- ANZIEU,D. (1989) *O Eu-pele*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- BARRON,J./EAGLE,M./WOLITZKY,D. (1992). *Interface of Psychoanalysis and Psychology*. Washington DC: American Psychological Association.
- BECKER,J./ERDELYI,M.H. (1974). Hypermnesia for pictures. *Cognitive Psychology*, 6:159-71.
- BEVAN,W. (1964). Subliminal Stimulation: a Pervasive Problem for Psychology. *Psychological Bulletin*, 61 (2):81-99.
- BOOTZIN,R./KIHLSTROM,J./SCHACTER,D. (1990). *Sleep and Cognition*. Washington DC: American Psychological Association.
- BORNSTEIN,R.F./MASLING,J.M. (1998). *Empirical Perspectives on the Psychoanalytic Unconscious*. Washington DC: American Psychological Association.
- BRAKEL,L.W. (1989). Negative Hallucinations, other irretrievable experiences and two functions of consciousness. *International Journal of Psychoanalysis*, 70: 461-79.
- ERDELYI,M.H. (1970). Recovery of Unavailable Perceptual Input. *Cognitive Psychology*, 1:99-103.
- _____. (1972) The Role of Fantasy in the Pötzl (Emergence) Phenomenon. *Journal of Personality and Social Psychology*, 24:186-90.
- ERDELYI,M.H./STEIN,J.B. (1981). Recognition Hypermnesia: the Growth of Recognition Memory (d') over Time Repeated Testing. *Cognition*, 9:23-33.
- ERIKSEN,C.W. (1951). Perceptual Defense as a Function of Unacceptable Needs. *Journal of Abnormal and Social Psychology*, 46: 557-64.
- ERIKSEN,C.W./JOHNSON,H. (1961). Preconscious Perception: a Re-examination of the Pötzl Phenomenon. *Journal of Abnormal and Social Psychology*, 62 (3): 497-503.
- FERENCZI,S. (1992). Matemática. In: *Psicanálise IV/Sándor Ferenczi*. São Paulo: Martins Fontes.p.182.
- FISHER,C. (1954). Dreams and Perception: The Role of Preconscious and Primary Modes of Perception in the Dream Formation. *Journal Amer. Psychoanal. Assn.*, 2:389-445.
- _____. (1957). A Study of Preliminary Stages of the Construction of Dreams and Images. *Journal Amer. Psychoanal. Assn.*, 5:5-60.,
- _____. (1959). The Effect of Subliminal Visual Stimulation on Images and Dreams: a Validation Study. *Journal Amer. Psychoanal. Assn.*, 7:35-83.
- _____. (1960). Subliminal and Supraliminal Influences on Dreams. *American Journal Psychiatry*, 116:1009-17.
- FOLK,C.L./REMINGTON,R.W./WRIGHT,J.H. (1994). The structure of attentional control: contingent attentional capture by apparent motion, abrupt onset, and color. *Journal of Experimental Psychology*, 20: 317-329.

- FREUD,S. (1895). *Projeto para uma Psicologia Científica*. 2^aed. Rio de Janeiro: Imago, 1987. 24v. v I.
- _____. (1900). *A Interpretação dos Sonhos*. 2^aed. Rio de Janeiro: Imago, 1987. 24v. v V.
- _____. (1901). *Sobre a Psicopatologia da Vida Cotidiana*. 2^aed. Rio de Janeiro: Imago, 1987. 24v. v VI.
- _____. (1925). *Uma Nota Sobre o 'Bloco Mágico'*. 2^aed. Rio de Janeiro: Imago, 1987. 24 v. v XIX.
- _____. (1926). *Inibições, Sintomas e Ansiedade*. 2^aed. Rio de Janeiro: Imago, 1987. 24 v. v XX.
- _____. (1939). *Moisés e o Monoteísmo*. 2^aed. Rio de Janeiro: Imago, 1987. 24 v. v XXIII.
- GOLDIAMOND,I. (1958). Indicators of Perception; I. Subliminal Perception, Subception, Unconscious Perception: An Analysis in Terms on Psychophysical Indicator Methodology. *Psychological Bulletin*, 55 (6):373-411.
- JAMES,W. (1890) *Principles of Psychology*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1981.
- JONIDES,J./YANTIS,S.. (1998). Uniqueness of abrupt visual onset in capturing attention. *Perception and Psychophysics*, 43;203-206.
- KEPECS,J.G./WOLMAN,R. (1972) Preconscious Perception of the Transference. *Psychoanalytic Quarterly*, 41(2):172-94.
- KIHLSTROM,J.(1987). The Cognitive Unconscious. *Science*, 237, 1445-1452.
- KLEIN,G. (1959). Consciousness in Psychoanalytic Theory: Some Implications for Current Research in Perception. *J.Amer.Psychoanal.Assn.*, 7:5-34.
- LABERGE,D./BROWN,V. (1989). Theory of atencional operations. *Psychological Review*, 96:101-124.
- LACAN,J. (1985). *Seminário livro 11: Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. p.48.
- LUBORSKY,L./SHEVRIN,H. (1956) Dreams and Day-residues: a Study of the Pötzl Observation. *Bulletin of the Menninger Clinic*, 20 (3): 135-148.
- _____. (1958). The Measurement of Preconscious Perception in Dreams and Images: an Investigation of the Pöetzl Phenomenon. *J.Abn.Soc.Psychol.*, 56(3): 285-294.
- MACK,A./ROCK,I. (1998) *Inattentional Blindness*. Cambridge, MA: MIT Press.
- MALAMUD,W./LINDER,F.E. (1931). Dreams and their Relationship to Recent Impressions. *Arch.Neurol. & Psychiat.*, 25:1081-1099.
- MASLING,J.M. (1983) *Empirical Studies of Psychoanalytical Theories*. Hillsdale, NJ: The Analytic Press. 2 v.
- PIERCE,C.S./JASTROW,J. (1884). On Small Differences in Sensation. *Memoirs of the National Academy of Science*, 3,75-83.
- POSNER,M. (1978). *Chronometric explanations of attention*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- PÖTZL,O. (1917). The Relationship Between Experimentally Induced Dream Images and Indirect Vision. In: Preconscious Stimulation in Dreams, Associations, and Images. Classical Studies by Otto Pötzl, Rudolf Allers, and Jakob Teller. *Psychological Issues*, II (3), Monograph 7, 1960.
- RAFFAElli,R. (1997). Psicanálise e Percepção. *Revista de Ciências Humanas*, Florianópolis,12 (16):77-104.

- RENSINK,R.A./O'REGAN,J.K./CLARK,J.J. (1997). To See or Not To See: The Need for Attention to Perceive Changes in Scenes. *Investigative Ophthalmology and Visual Science*, 37:213.
- ROEDIGER,H.L. (1990). Implicit Memory: Retention without remembering. *American Psychologist*, 45(9):, 1043-1056.
- SEARLE,J. (1992). *Rediscovering of the Mind*. Cambridge, MA: MIT Press.
- THEEUWES,J. (1991). Exogenous and Endogenous Control of Attention: The Effects of Visual Onsets and Offsets. *Perception and Psychophysics*, 49:83-90.
- TREISMAN,A. (1985). Preattentive Processing in Vision. *Computer Vision, Graphics and Image Processing*, 31:156-177.
- _____. (1986). Features and Objects in Visual Processing. *Scientific American*, 255:114-125.
- _____. (1988). Features and Objects: The Fourteenth Bartlett Memorial Lecture. Quarterly Journal of Experimental Psychology, 40:201-237.
- WHITEHOUSE,W.G. et alii. (1988). Hypnotic Hypermnesia: Enhanced Memory Accessibility or Report Bias? *Journal of Abnormal Psychology*, 97(3):289-95.